



**Casa da Cultura António Bentes**  
Biblioteca  
(Secção de Recortes)

# **A Mulher no Século XVIII**

Violeta Crespo Figueiredo

**Assunto: Mulher**

História, nº 5, Março de 1979

Propriedade de  
Publicações Projornal, Ld.<sup>a</sup>

Director de Edições  
José Carlos de Vasconcelos

# HISTÓRIA

Director: Almeida Martins

Colaboram neste número Carlos Alberto Cutileiro, Carlos Ferrão, Eurico da Fonseca, Jorge de Alarcão, José Fernando Moreira da Cunha, Margarida Antunes, Pedro Rafael dos Santos, Victor Amorim e Violeta Crespo Figueiredo.

Departamento Fotográfico: Joaquim Lobo e Inácio Ludgero, com a colaboração de Armando Vidal.

Departamento Gráfico: João Segurado e José Pinto Nogueira, com a colaboração de Joaquim de Brito.

Serviço de Apoio: Maria João Leitão Múrias e Teresa Brás (Documentação), Helena Garcia (Secretariado).

Sede da Redacção e Administração: Avenida da Liberdade, 232-r/c dt.º — Lisboa 2. Telefones: 574520 / 574594 / 574643. Telex: 18386.

Direcção Administrativa e Comercial: António Gomes da Costa e Henrique Segurado Pavão.

Chefe de Publicidade: Luís Figueiredo.

Serviços Administrativos e Comerciais: Rua Rodrigues Sampaio, 52, 2.º Telefones: 40437 / 41260 / 574520 / 574593 / 574643.

Composto na Intergráfica — Publicidade e Artes Gráficas, Limitada.  
Avenida da Liberdade, 232-r/c dt.º — Lisboa 2. Telefones: 574520 / 574593 / 574643.

Impresso no «Jornal do Comércio»

Distribuição: Dijornal — Distribuidora de Livros e Periódicos, Limitada.  
Rua Joaquim António de Aguiar, 64, 2.º dt.º — Lisboa 1. Telefones: 657350 / 657450 / 657870.

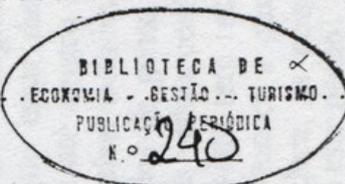
Museu do Trajo  
São Brás de Alportel  
Centro de  
Documentação

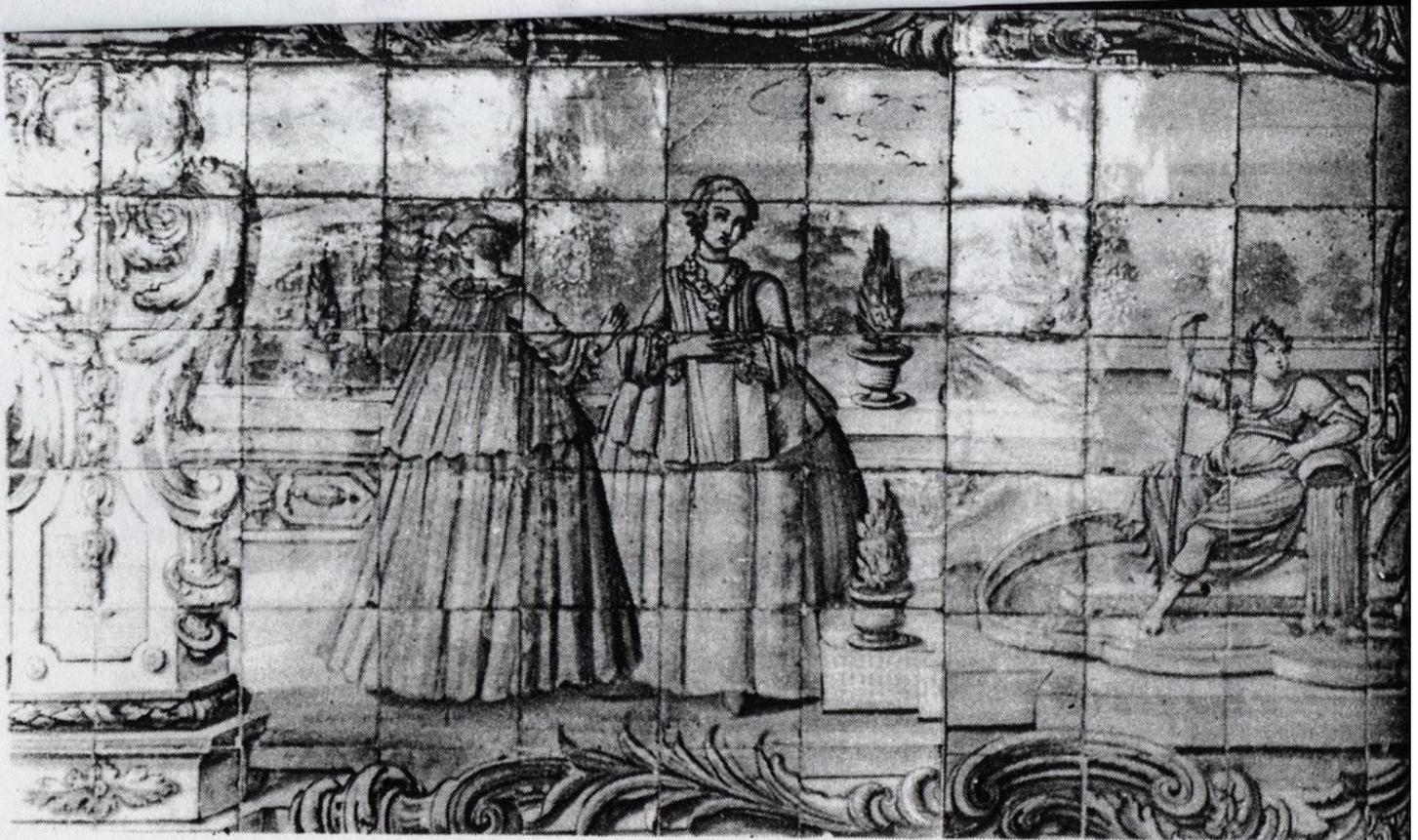


Publicação mensal  
N.º 5 Março de 1979

## Sumário

A eminência parda do salazarismo Carlos Ferrão .....	2
As SS e o holocausto Pedro Rafael dos Santos .....	10
A insurreição rural de 1383 José Fernando Moreira da Cunha ...	30
Museu do Trajo Margarida Antunes .....	38
Lagares de azeite da Antiguidade Jorge de Alarcão .....	45
A mulher no século XVIII Violeta Crespo Figueiredo .....	54
120 anos de unidade romena .....	66
O primeiro foguete moderno Eurico da Fonseca .....	71
Figurinos Militares Carlos Alberto Cutileiro .....	82
Jogos de Guerra Victor Amorim .....	86
Noticias .....	90
Livros .....	93





## Papéis volantes do século XVIII

### 5. Mulher

*Violeta Crespo Figueiredo*

Este painel tem muito que se lhe diga. Lá estão, de um lado, as senhoras casadas, pejudas e conversadeiras; e do outro as lentas meninas casadoiras. No meio a fonte e para trás o jardim, sem vestígios de presença masculina. Porque estas damas vivem à Portugal-velho e até dentro de casa estão tanto quanto possível isoladas dos homens. Em outros palácios de gente estrangeirada, sem amor aos velhos costumes pátrios, as senhoras já viviam sem recato, mas neste, que devia pertencer a qualquer grande família conservadora, as coisas ainda não tinham chegado a esse ponto.

Repare-se nas meninas que estão sentadas. Não têm nenhum livro no regaço. Livros era coisa de que se devia desconfiar muito. Já o grande D. Francisco Manuel de Melo prevenira, no século anterior, contra os de novelas e comédias, sempre perigosos para

as mulheres; permitira-lhes os de devoção, mas esses liam-se na igreja e não num jardim. Outros livros também não poderiam ler as meninas. O pai nunca lhos dera, que ele bem sabia que as mulheres não tinham capacidade para ler um livro de qualquer matéria grave ou erudita.

Ele era um daqueles Catões que, mais tarde, em 1746, Verney pretendia persuadir:

*«Parecerá paradoxo a estes Catões Portugueses ouvir dizer que as Mulheres devem estudar; contudo, se examinarem o caso, conhecerão que não é nenhuma parvoíce ou coisa nova, mas bem usual e racionável. Pelo que toca à capacidade, é loucura persuadir-se que as Mulheres tenham menos que os Homens. Elas não são de outra espécie no que toca a alma; e a diferença do sexo não tem parentesco com a diferença de entendi-*



mento.»

Luis António Verney, «Verdadeiro Método de Estudar», Carta Sexta, Apêndice sobre o estudo das mulheres.

Se em 1746 ainda havia quem tivesse destes preconceitos, que faria antes... Então os preconceitos eram preciosamente guardados — e em primeiro lugar pelos fidalgos puritanos. Na educação da mulher como em tudo o mais, eles mantinham um imobilismo severo. O marquês de Valença falava pela boca de todos quando, no mesmo ano de 1746 em que saía o «Verdadeiro Método de Estudar», aconselhava ao filho: «Não sejas defensor, e menos inventor de novidades, porque quando não seja este génio reputado por culpa grave, sempre foy avaliado por levidão manifesta» (1).

Sozinhos, nunca estes Catões puritanos teriam podido defender até tão tarde um modelo de educação desactualizado.

O apoio vinha-lhes dos sectores eclesiásticos e literários mais retrógrados, e em particular de certos pregadores frenéticos que identificavam a mulher com a lascívia peçonhenta. «Ao menos da parte das mulheres sempre há grande perigo, e tanto maior quanto mais o genero feminino he mais propenso ad veneram», (2) escrevia, no princípio do século, fr. Francisco da Anunciação, o grande reformador jacobeu — e as

suas palavras eram um argumento de peso a favor da manutenção da clausura feminina.

Os preconceitos misóginos assim lançados prosperavam, repetidos por um grupo de autores bem-pensantes e veneradores do lugar-comum: lá lhes pareceria estultícia deixar de discorrer sobre a malícia e inferioridade das mulheres quando os mais graves autores, dos profetas bíblicos a Owen e de Aristóteles a D. Francisco Manuel de Melo, o tinham feito...

Alguns destes cultores do lugar-comum tiveram uma influência muito restrita, por serem as suas obras escritas em tom elevado (quando não eram mesmo escritas em latim, como era o caso de certos epigramas do marquês de Alegrete e do pe. António dos Reis); outros, porém, conseguiram levar as suas opiniões misóginas junto do público — foi o caso de vários autores papelistas, que, mal achavam campo livre, discreateavam aqui e ali sobre a inferioridade da mulher, fiados nos ensinamentos da ciência aristotélico-escolástica:

«Todos dizem que a razão porque algumas mulheres se mudaraõ em homens e não os homens em mulheres he porque a natureza desejosa nas mulheres sempre apetece a sua total perfeiçãõ: e como a mulher seja homem imperfeito, procura a natureza aperfeiçoar-se na perfeiçãõ, mudando-se, como al-

## Mulher no século XVIII

gumas vezes sucedeu, as mulheres em homens; e não os homens em mulheres porque então procuraria a imperfeição» (3).

Ora aqui está um quadro bem negro — e incompleto... Na verdade, é preciso acrescentar que todo um conjunto de forças pró-iluministas estava já agindo contra a mentalidade castiça. Como vários outros, também os preconceitos misóginos acabariam por morrer ou por serem substituídos por outros mais subtis. Isso levava o seu tempo. Entretanto, com os meios possíveis, lutava-se. E, bem entendido, a luta travava-se até ao nível dos papéis volantes. Vamos ver como.

### O começo da guerra da «Malícia das Mulheres»

O papel misógino mais lido no século XVIII tinha nascido no século XVI. Chamava-se «Malícia das Mulheres» e fora escrito por Baltasar Dias, um cego papelista autor de sucessos populares como a «História da Emperatriz Porcina».

Um dia um amigo tinha aconselhado Baltasar Dias a que se casasse e ele escusara-se com aquelas quintilhas que arremetiam contra os defeitos das «senhoras mulheres»:

*«Na Igreja as veraõ estar  
Quietas, e authorizadas,  
e diabos nas pousadas,  
Manhosas no praticar,  
Por onde saõ mais malvadas.  
Bufos nas janelas ufanas,  
Pegas palreiras à porta,  
São cabras na horta,  
E enfadamento na cama,  
Mal que ninguém não comporta.»*

Como prova provada da malícia feminina, Baltasar Dias contava a história de duas comadres, à compita a ver qual conseguiria pregar maior peça ao marido. Uma delas, tão malvada, teve artes de fazer andar o homem passeando nu toda a noite, carregado com um cântaro de água. De manhã «sahindo de casa a gente, / Começou de se benzer.

/ E vendo-o assim andar / Com a quarta ao pescoço, / Com o mais que quero callar, / Começaraõ de apoupar / E fazer grande alvoroço». A outra comadre, ainda pior que a primeira, convenceu o marido («taõ entendido / Como hum asno de Alvalade») de que o rei D. João III o tinha feito duque do Sertão. Logo o homem saiu à rua, vestido de gaiteiro, com uma coroa de palha na cabeça, todo contente, a gabar-se do título. Os rapazes «daninhos» caíram-lhe em cima à laranja, mas ele não se convenceu: «E esta gente ruim / Chimpalla-hey na cadea, / Porque escarnece de mim.»

Para Baltasar Dias as duas comadres personificavam a maldade das mulheres em geral, maldade bem conhecida de Terêncio, Cícero, Diógenes e de outros muitos «Doutores» de que ele encontrara notícia no «livro da discrição dos sete sabios da Grecia». Lá no fundo, no fundo, o que o acirrava contra as mulheres era a crescente importância que elas estavam ganhando dentro do quadro familiar. Naqueles tempos de expansão marítima, em que mal o marido passava a barra a esposa se tornava o chefe de família, as mulheres estavam a levantar a grimpá; e isso é que o cego não lhes tinha perdoado:

*«He já cousa taõ commua:  
Que os homens pizaõ cos pés,  
São taõ feitas ao revez,  
Se os maridos dizem huma  
Ellas lhe respondem dez.»*

### «Bondade das Mulheres», de Paula da Graça

Continuava o sucesso da «Malícia das Mulheres», em sucessivas reedições, quando em 1715 uma certa Paula da Graça resolveu vir dar-lhe combate com a «Bondade das mulheres vindicada» (4).

A autora dizia-se «natural da villa de Cabanas e assistente nesta Corte»; mas nós quase poríamos as mãos no fogo em como ela era mas é freira, daquelas freiras letradas que faziam a glória dos conventos, senhoras que escrevia novelas místico-galantes,

**MALÍCIA**  
DOS  
**HOMENS**  
CONTRA A BONDADÉ DAS  
**MULHERES:**

*EMBARGOS, QUE OS HOMENS  
põem á primeira parte. Mostra-se os  
males de que são causa.*

**PARTE SEGUNDA,**  
*ESCRITA POR*  
**M. D. M. C. D. M. A. E. C.**



**LISBOA:**  
NA Officina de FRANCISCO BORGES DE SOUSA.  
Anno de 1759.

*Com todas as licenças necessarias.*

**BONDADÉ**  
DAS  
**MULHERES**  
CONTRA A MALÍCIA  
**DOS HOMENS:**

*Relação Comica, e Historica, para diver-  
timento de quem a comprar.*

**PARTE PRIMEIRA,**  
*Escrita por sua Authora*  
**L. D. P. G.**



**LISBOA:**  
NA Officina de FRANCISCO BORGES DE SOUSA.  
Anno de 1759.

*Com todas as licenças necessarias.*

*Uma certa Paula Graça (L.D.P.G.) resolveu vir dar combate à misoginia de anteriores papéis*

décimas e cartas conceituosas e mantinham corte literária na grade. Paula da Graça pôs de lado a prolixidade gongórica das suas irmãs, mas guardou ainda, em certas frases, o jeito melindroso e despicado do namoro freirático:

«Minhas leitoras» — diz ela no prólogo — «Muitos annos há, que vejo correr hum papel impresso, que se intitula **Malícia das Mulheres**, sem que ate o presente houvesse huma, que se dispozesse a contradizelo, com huma justa Apologia da nossa notoria innocencia. Pareceo-me iniquidade, que se fossem multiplicando, á nossa revelia, contra nós, tantas sentenças, quantas são as approvaçoens que aquelle famoso Libelo acha entre as pessoas do povo... Também supponho, que os homens (ainda falando com aquelles, que devemos respeitar por senhores, por Doutores, e por Juizes, a quem não comprehendemos, porque so com os do povo galhofeamos) não estranharam que usemos daquelle direito natural, que tão licita faz a propria defesa, quando se guarda a moderaçãõ, que a faz inculpada...»

Bastasar Dias tinha escrito a «Malícia das Mulheres» para desenganar um amigo que o queria ver casado; pois agora Paula da Graça escrevia a sua «Bondade das Mulheres», não para recusar também casamento (se efectivamente fosse freira o problema não se punha), mas para persuadir uma moça a que se não casasse.

Em quintilhas leves, ela ia demolindo a «Malícia das Mulheres». A história das comadres não tinha consistência, porque havia tal «basbaquidade / naquelles tollos maridos, / que só fora iniquidade livralos de ser corridos». Os argumentos misóginos dos autores lá citados não valiam «os melhores / tratados das Heroínas / que trazem varios Authores». Além do mais, era mal feito acusar assim as mulheres:

*«Todos assentaõ, que não  
(excepto alguns muy borrachos)  
temos real negaçãõ;  
Pois não são femeas, ou machos  
as almas com distincãõ...  
... Se nos limitais o gosto  
ao enfeite; que razaõ*

## Mulher no século XVIII

*há, de lançarno lo em rosto?  
 Se a Republica nos dera  
 o mesmo, que a vòs vos dà,  
 vossa mulher vos trouxera  
 cobertos de tafetá...»*

As razões que invocava eram já antigas (Duarte Nunes de Leão, por exemplo, chegara a defender a ideia de que se as mulheres estudassem se mostrariam tão capazes como os homens), mas o tom galhofeiro era novo. Nota-se que Paula da Graça se sentia apoiada. Na verdade, nos anos chegados a 1715 (data da que julgamos a 1.<sup>a</sup> edição da «Bondade das Mulheres»), circunstâncias várias tinham vindo pôr em causa antigos costumes e convicções misóginas, preparando assim os ânimos para a aceitação, sem escândalo, deste público protesto, feito por uma mulher a favor de todas as mulheres.

### Como se criaram condições favoráveis a que Paula da Graça escrevesse

O que acontecera então?

Primeiramente, nos começos do reinado de D. João V, tinha havido uma liberalização da etiqueta de palácio, permitindo um convívio mais desafogado entre fidalgos e fidalgas da corte. A medida causou redemoinhos, favoráveis ou adversos. Aproveitando a agitação, uma obra das mais consultadas, o «Vocabulário», de Bluteau (1713), entrou a admoestar vivamente os detractores misóginos, lembrando-lhes que na república idealizada por Platão as mulheres exerciam cargos políticos e militares e que, «sem embargo de haver Deos sogeitado a mulher ao homem, sempre chamou Abrahaõ a sua mulher, sua irmã. Atè em terra de Cafres amaõ, respeitam os maridos a suas mulheres» (artigo **Mulher**).

A corrente filógina continuou-se na influente academia do conde de Ericeira, onde algumas conferências sobre o tema **Mulheres ilustres** (1717-1721) iriam lançar em breve uma nova moda: os livros de exemplos de mulheres famosas. Em todos o paradigma seiscentista da mulher virtuosa

foi abandonado em favor de um mais recente: a mulher ilustre pelas letras ou pelas armas. (5) Claro, estava-se em tempo de absolutismo e muitas vezes estas apologias chegavam a confundir-se com o panegírico da dinastia. (6) Fosse como fosse, estas obras que tanto insistiam em divulgar os méritos femininos — e, o que é mais, pondo a tónica na **discrição** e na intrepidez e não nas virtudes domésticas e na piedade (7) — eram já manifestações de uma mentalidade anticastiga, que pressupunha o direito da mulher à educação e a uma relativa independência intelectual.

As apologias valeriam de muito, mas não eram tudo.

Tão eficaz como elas, mas correndo na sombra, uma corrente sentimental tendia a valorizar a imagem feminina. Não se tratava de acumular, cavaleirescamente, em defesa das damas, exemplos do seu valor, mas de apresentar figuras femininas idealizadas, isoladas, sofredoras e discretas. A nova imagem era copiada sobre o modelo da triste freira à força, que aos apaixonadores freiráticos — e bem poucos autores da época, desde o conde da Ericeira a Félix José da Costa, o não terão sido — aparecia tocada de um halo de martírio e fragilidade. Mas como durante o reinado de D. João V foi tabu falar da freira à força, outras figuras de mulheres humilhadas e violentadas a substituíam. Foi assim que circularam manuscritas cartas pretensamente escritas por D. Matilde, condessa de Bolonha, a D. Afonso III, depois de abandonada, de D. Inês de Castro, condenada à morte, a D. Pedro ou de D. Filipa de Noronha ao ingrato D. João V. E qualquer das heroínas rompia com expansões impetuosas a silenciosa passividade a que parecia condenada.

Mesmo semiclandestino, (isto é: feito à revelia da literatura impressa, cujos temas, sempre convencionais, eram controlados pelas academias) este renovo da sentimentalidade favorecia o sucesso das apologias e a aceitação dos argumentos antimisóginos (em particular os de Feijó, no «Teatro Critico», bastante lido).

É então que, depois de várias décadas vazias de literatura feminina impressa, se publicam obras de freiras — livros de Maria do Céu, Madalena Eufémia da Glória e Violante do Céu e **papéis volantes** de Tomásia Caetana de Aquino e de Tomásia Caetana de Santa Maria. Estas últimas dedicaram-se a celebrar em verso efemérides. Quase sempre preferiam glosar sonetos, porque as glosas lhes permitiam ostentar apuro técnico e as livravam de emitir opiniões pessoais e novas.

L. 25657  
L. 36657  
P. 116  
P. 612

**PRIMEIRA CARTA  
APOLOGETICA,**  
EM FAVOR, E DEFENSA  
das mulheres,  
ESCRITA POR DONA  
**GERTRUDES**  
MARGARIDA DE JESUS,  
AO IRMAO AMADOR  
do Dezengano,  
*Com a qual destroe toda a fabrica do seu  
Espelho Critico.*



**LISBOA:**  
Na Officina de Francisco Borges de Soufa.  
ANNO de 1761.

---

*Com todas as licenças necessarias.*

L. 25672  
P. 10775  
108

**ESPELHO  
CRITICO,**  
NO QUAL CLARAMENTE SE  
vem alguns defeitos das  
**MULHERES,**  
FABRICADO NA LOJA DA VERDADE  
PELO IRMAO  
**AMADOR DO DEZENGAO,**  
*Que póde servir de estímulo para a reforma  
dos mesmos defeitos.*



**LISBOA:**  
Na Off. de ANTONIO VICENTE DA SILVA.  
Anno de MDCCCLXI.

---

*Com todas as licenças necessarias.*

*Nova disputa foi a que teve lugar em 1761 entre a «Carta Apologética» e o «Espelho Critico»*

## Uma freira autora de papéis volantes: Tomásia Caetana de Santa Maria

Tomásia Caetana de Santa Maria, freira em Vila Viçosa, publicou muitos mais folhetos que Tomásia Caetana de Aquino. Era o pai, Manuel de Mira Valadão, «cirurgião aprovado nesta Corte», que lhe mandava imprimir e pôr à venda as poesias (algumas foram anunciadas na Gazeta de Lisboa).

Entre as décadas de 1740 e 1760, Tomásia Caetana de Aquino poetou a morte do conde da Ericeira, do desembargador Luís Borges de Carvalho, do cardeal-patriarca D. Tomás de Almeida, de D. João V e do pequeno príncipe D. João, filho de D. Maria I; poetou ao terramoto e ao atentado contra D. José; só não poetou sobre a sua própria vida. Apenas uma vez, em um dos primeiros papéis publicados, as «Expressões de hum devoto arrependimento Á imagem de Christo crucificado» (8), aludiu a problemas pessoais. Aí, depois de expri-

mir o seu amor a Cristo — «prenda rica», «ricos amores», chamava-lhe ela — penitenciava-se por um passado em que «sempre perversa vivia, / na clausura, Esposa ingrata, / no mundo tirana filha». Daí para diante, sem amores profanos e sem revoltas, fez-se cronista em verso de acontecimentos fatais. Teve por prémio ser chamada «outra Nimpha do Parnaso» (9)...

## Discrição ou formosura

Afinal as mulheres presas nos conventos eram, do ponto de vista intelectual, muito mais livres que as damas que viviam no seio da família. Contudo a sorte destas ia mudar um pouco, acompanhando a lenta transformação dos hábitos sociais. Em um número crescente de casas as senhoras desciam à sala, a fazer **assembleia**, tocando música e conversando com os convidados. Dir-se-ia que as festas organizadas na corte e em casas particulares pelo conde da Ericeira, nos primeiros dez anos do reinado de D. João V

tinha aumentado o gosto pela convivência brilhante. Em 1731 representava-se a primeira ópera italiana e logo as damas se puseram também a gargantear para as visitas árias e recitados em italiano.

Tudo isto escandalizava puritanos e jacobinos, que arrenegavam de tais usanças. A corte, cada vez mais solene com o passar do tempo, também não encorajava modernidades. Na década de trinta, com os castiços em contra-ataque, revigoravam-se as preocupações com o decoro feminino — por exemplo, ficam outra vez em moda os banquetes de casamento e baptizado com mesas separadas para senhoras e cavalheiros, à Portugal velho.

Era correr em vão contra o tempo. Não tardaria nada, o problema da escolha entre o modelo tradicional de educação feminina e um outro mais liberal, olhado com simpatia pela burguesia em ascensão, começaria a interessar até o grande público. No ano de 1737 saíam dois papéis volantes que tratavam o tema, de forma indirecta: «Discurso Problemático Joco-serio sobre qual he mais poderosa para attrahir o coração humano, se a Musica ou a Eloquencia» e o «Discurso joco-serio em metaphora de Demanda entre a Formosura, e Discriçam, sentenciada a favor da Formosura» (10).

Embora tal não fosse dito, eloquência e discrição eram desdenhadas por serem mais perigosas — «mula que faz him e mulher que fala Latim raramente há bom fim», lá dizia o ditado...

Muitos anos depois, em 1763, quando já a vitória da mentalidade burguesa sobre a castiça permitira às senhoras estudos mais diversificados, ainda um outro *problema* insistia em que elas se deveriam limitar a ser belas, sem mais fantasias: «Oh admiravel preminencia do juizo, que resplandece nos homens! por isso as mulheres lá querem tambem prezar-se de terem bom juizo; mas contentem-se com o da formosura, que as Divinas letras lhes atribuem, que não tem pouco de que se jactem...» (11)

Acabara-se com as delicadezas galantes dos *problemas* de 1737; agora o tom era po-

lémico, a revelar a insegurança do autor, sobressaltado, como muito boa gente, pelas mudanças que observava.

## Novas guerras da «Malícia das Mulheres»

Com efeito, chegada a segunda metade do século, tudo parecia correr demasiado depressa, para alguns.

Para começar, uns anos antes, D. Tomás de Almeida, cardeal-patriarca de Lisboa, tinha defendido a dignidade da mulher, reprimendo (pastoral de 9 de Novembro de 1743) os padres que, em Dia de Ressurreição, mantinham o costume de gritar do púlpito «invenções e fabulas relativas ao sexo feminino». Depois em 1746, Verney tinha-se empenhado em demonstrar a necessidade de a mulher — ou melhor: a senhora — receber uma educação mais profunda, que incluísse, além das primeiras letras e das prendas de salão (música, canto e a novidade da dança), também Geografia e História e até uma tintura de Latim. Não tardara nada, em 1752, uma mulher não-freira arrojar-se a escrever um livro, uma novela inspirada no «Telémaco» de Fénelon (12). Como se não bastasse, a moda das assembleias (e até das representações teatrais) começava a pegar por toda a parte, da casa do alto funcionário à do pequeno comerciante. E, para não fazerem triste figura em público, damas e meninas pediam (e obtinham) mestres de Francês, de Música e de Dança. Quanto às mulheres do povo conseguiam que os maridos as levassem a lugares públicos (13).

O estrondo era grande. Desta vez o homem da rua já se podia dar conta de uma transformação que nos anos anteriores lhe passara quase despercebida. A sua primeira reacção foi virar-se contra as **senhoras mulheres**, que estavam invertendo a ordem das coisas. Ao princípio os autores papelistas nem sabiam bem como exprimir uma indignação tão confusa. Recorria-se ao que já estava feito. Traduzia-se um poema misógino, daqueles escritos em latim para raros



Ao fundo estão as duas comadres, de mão dada. Em primeiro plano vêem-se os maridos logrados: o da esquerda nu, com a quarta de água à cabeça, e o da direita buscando abrigo na Igreja contra os rapazes.

apenas. O título dizia tudo: «Cobra escondida na relva da astucia e descoberta por José Caetano [mestre de Gramática], em huma elegia latina com a versão de José de Coimbra» (1751). Reeditava-se e tornava-se a reeditar a «Malícia das Mulheres». Tudo se vendia. O assunto fazia ondas, com as leitores a refilarem, cada vez mais afoitas.

Cegos, autores e impressores logo sentiram que valia a pena explorar o filão. E começaram a fazer sair papéis de defesa ou de ataque às senhoras mulheres, imediatamente seguidos das respectivas respostas. Muitas vezes a oficina em que se imprimiam era a mesma — e se calhar o autor também. Assim acontecia com a «Bondade das mulheres contra a malícia dos homens: Relação Comica, e Historica, para divertimento de quem a comprar. Parte Primeira Escrita por sua Authora L. D. P. G.», complementada pela «Malícia dos Homens contra a bondade das mulheres. Embargos,

que os homens põem á primeira parte. Mostra-se os males de que são causa. Parte segunda escrita por M.D.M.C.-D.M.A.E.C.», 1759.

Como sempre nesta polémica, repetiam-se citações já mil vezes repetidas e apresentavam-se exemplos históricos já sabidos de cor sem se fazer nunca uma alusão às condições concretas do tempo presente. Sirva de exemplo o começo da «Malícia dos Homens»:

*«Grande contentamento, notavel alvoroço, excessiva gloria causaria nas mulheres a primeira parte daquelle papelinho, cujo Author se empenhou (como lá diz o Rifaõ) a cobrir a Sol com huma joeira: louvar as fenhoras mulheres foy o feu intento; e o meu intento agora ferá desfazer todos aquelles louvores, a mostrar os males que causaõ, e os bens que não motivaõ. No principio entra logo o Author a dizer, que se Eva comera, tambem Adaõ manducára; mas com licença: Eva comeo sabendo, Adaõ induzido por Eva. Lá estava Adaõ, talvez debaixo de alguma arvore, comtemplando as maravilhas da Divina Omnipotencia, admirando-se das delicias do Paraifo, da formofura das arvores, do argentado crytallino parecer das fontes. E pergunto agora: Que fazia neste tempo a fenhora Eva? O que? Estava conversando. Conversando! E com quem? Como podia conversar, se não tinha peffoa humana, que lhe admittiffe a sua conversação? Ora reparem com quem, e logo veraõ a bondade das fenhoras mulheres. Conversava Eva com huma Serpente.»*

Em 1761 nova disputa. Um «Espelho Critico no qual claramente se vem alguns defeitos das mulheres, fabricado na Loja da verdade pelo irmão Amador do Dezenzano Que pôde servir de estimulo para a reforma dos mesmos defeitos» era feito em fanicos por uma assisada carta de D. Gertrudes Margarida de Jesus (14). Ela transcrevia frases do dicionário de «Monsieur Abbade Ladvocat» e contava uma história lida nos «Dialogos acerca da Pintura», de Carduzio. E não se contentava com parecer pessoa culta, queria tambem apresentar-se como pessoa ocupada. Depois

## Mulher no século XVIII

de ter rebatido as duas primeiras acusações de fr. Amador, inconstância e ignorância, finalizava dizendo: «Não tenho tempo para tratar do terceiro defeito [a formosura]; porque outros ministerios da minha pessoa me leuão huma parte delle» — remate cheio de uma dignidade nova, muito burguesa.

Não se passou muito tempo sem nova polémica. Dois anos depois, em 1763, um conjunto de seis papéis, com o título geral de «Passatempo Honesto, Curioso Divertimento», viria desencadear críticas e contra-críticas. Fingia o seu autor registar as opiniões de alguns curiosos, detractores ou defensores da mulher, que se juntavam às tardes em casa de um «mui nobre e erudito velho». A cada tarde cabia um papel — seis papéis ao todo, repisando acusações, citando autores mil vezes já citados.

Mesmo inocentinhos, os argumentos filológicos das primeiras tardes do «Passatempo» (que as mulheres eram firmes no amor até à morte e coisas assim) logo irritaram o autor de uma «Carta Curiosa, em que se mostra a vaidade, opinião, e amor proprio das Senhoras Mulheres», que os considerou próprios de «mulherengos»; por seu lado os argumentos misóginos foram contestados em verso por um satírico anónimo (15). As coisas não ficaram por aqui, porque carta e versos satíricos mereceram, por sua vez, dois papéis de crítica... (16).

Era de fazer andar a cabeça à roda...

É certo que a «guerra da malícia das mulheres» parecia cada vez mais uma guerra de risos, de despiques, assim no género das guerras de alecrim e mangerona, do princípio do século. Defesas e ataques às «senhoras mulheres» tinham-se tornado, afinal, um pretexto para romper as severas normas de conduta social que ainda separavam adversários de um e outro sexo.

Havia também, claro, os papéis que criticavam de modo directo, satirizando não só defeitos mas também as atitudes das mulheres da pequena e média burguesia: das casadas dizia-se que eram preguiçosas e linguageiras, das solteiras que só pensavam em

modas e funções e que eram grandes namoradeiras. (17)

## «Conselhos»

Toda esta contestação, por mais bem humorada que fosse, criava uma certa insegurança, um vazio: se tudo aquilo eram coisas mal feitas, que fazer então para se agir bem?

Os papéis de conselhos, e em particular os de conselhos para bem casar vinham responder às dúvidas gerais. Por isso se multiplicavam e se vendiam como nunca.

Os conselhos para bem casar eram pequenas obras de carácter moralista, mais conservadores que misóginos. Entre eles e um da primeira metade do século pouca diferença haveria, a não ser uma certa insistência nas virtudes burguesas da poupança e uma maior doçura de tom ao falar-se da mulher (por exemplo, já se não usava a brutalidade drástica com que António da Silva Pereira escrevera, em 1737: «A ser aguda [a mulher], he melhor para dama [amante], do que para mulher, e principalmente se tem alguma vea de poezia, deitarà a benção ao governo...»). (18)

Não bastavam os conselhos para bem casar, havia também os conselhos para estar casado, ao que parece inventados de fresco. Dirigiam-se, de preferência à mulher, ainda quando o não indicavam expressamente no título. (19) «Paciência e submissão», recomendavam-lhe eles — e os títulos já diziam muito: «Carta de prudentes dictames que escreveu certa senhora a hum tio seu pedindo-lhe anciosamente algumas direcçoens ou conselhos para poder tolerar a má vida, com que seu marido a tratava. Resposta que se lhe deo E tudo o mais que verá O Curioso Leitor», 1765; ou, mais claramente: «Carta que mandou certa Senhora a hum seu Compadre pedindo-lhe conselhos, e direcçoens para poder tolerar a má vida, com que seu marido a tratava. E Resposta, que se lhe manda. Aconselhando-a a viver conforme a vontade de Deos e de

seu marido», 1769.

Como é difícil acreditar que os maridos se tivessem tornado de repente umas feras, só podemos supor que as mulheres estavam considerando injustos os maus tratos que as suas avós teriam achado suportáveis ou naturais. É pois de crer que, apesar do seu carácter algo superficial, a «guerra da malícia das mulheres» tivesse ajudado a mulher a tomar mais consciência da sua dignidade de ser humano — dignidade que lhe pareceria confirmada pelo recente refinamento dos cumprimentos masculinos (entre a grande e a média burguesia chegava-se ao joelho em terra e ao tratamento de *madama...*) (20).

## Real Mesa Censória

A Real Mesa Censória é que não quis saber das presumíveis qualidades pedagógicas da «guerra da malícia». Cortou rentes quantos papéis se apresentaram sobre o assunto, nem que tivessem algum interesse como o «Abono da firmeza das mulheres Mostra-se serem tanto, ou mais constantes do que os homêz Fructo que ellas devem tirar do presente discurso, e defença Disposto em modo de Conversaçã, em que fallaõ hum Letrado, hum Estadista, e hum Filozofõ» (21). Acabou também com os papéis do género da «Conversaçã que fazem as Senhoras Mulheres ao tempo que estaõ na Missa» ou da «Petiçãõ, que fizeraõ as mulheres aos maridos, e os filhos aos pais p.<sup>a</sup> as levar às Assembleas, e Bailes, que se fazem na Corte de Lisboa / Do Não ha que deferir dos maridos e pais...» (22), papéis que achava «insulssíssimos», «sem instrução alguma boa».

Permitiu, porém, que continuassem a circular os «conselhos para bem casar», cuja moralização, socialmente útil e apaziguadora, era importante do ponto de vista económico (pelo elogio que fazia do trabalho, da disciplina doméstica e da poupança) e do ponto de vista político (porque uma estrutura sólida e ideologicamente conservadora

decerto obstaria eficazmente à difusão de ideias subversivas).

## Notas:

(1) «Instrucçam que o Marquez de Valença... dá a seu filho segundo...», 1746; pp. 52-53 (livro).

(2) «Vindicias da Virtude», 1726, tomo III, p. 153.

(3) «Penas que caíram de uma das asas ao celebrado Fenix das Tempestades... por Cosme Fragoso de Matos...» (Vitorino José da Costa), 1733.

(4) «Bondade das Mulheres vendicada, E Malícia dos Homens manifesta. Papel metrico e apologetico, em que se defende a feminina innocencia, contra outro em que injustamente se argûe a sua maldade, com o titulo de Malícia dos Homens Composto pelo zelo de Paula da Graça, natural da villa de Cabanas; e assistente nesta Corte», 1715.

(5) Os dois mais importantes foram o «Portugal Illustrado Pelo sexo feminino», de Diogo Manuel Aires de Azevedo (o oratoriano Manuel Álvares), 1734, e o «Theatro Heroino», de Damião de Froes Perim (fr. João de S. Pedro, com colaboração do 5.º conde da Ericeira), 1736 e 1740.

(6) Exemplos: os «Elogios das Rainhas mulheres dos cinco Reys de Portugal do nome de João», 1747, e os «Elogios das Princezas Portuguezas descendentes do 1.º Duque de Bragança», 1748, ambos de D. José Miguel João de Portugal, ou o «Catálogo das Rainhas de Portugal», de D. José Barbosa.

(7) Enquanto o «Theatro Heroino» (v. nota 5) era um «Abecedario Historico, e Catalogo das Mulheres Illustres em Armas, Letras, Acçoens heroicas, e Artes Liberaes», o «Jardim de Portugal», provavelmente a única apologia do séc. XVI, só dava «noticia de algũas Sanctas, & tras mulheres illustres em virtude» (1626).

(8) A data impressa no papel não traz o último algarismo: 174. As licenças são de 1743.

(9) Palavras do censor do Santo Ofício para o «Desafogo da pena mais sentida...», feito por Tomásia Caetana de Santa Maria sobre o atentado de D. José (1759).

(10) Autor: Franco de Assis de Amado e Luca. Tinham sido necessários 40 anos para se passar do problema «Qual seja mais aceite a juizo dos homens, a virtude ou formosura», debatido em 1680 na Academia dos Generosos, aos problemas «Qual se devia preferir em huma Dama, a muzica, ou a formozura?» e «Qual he mais atractiva: A formo-

## Mulher no século XVIII

zura? ou o entendimento?», tratados por volta de 1720, respectivamente nas academias Portuguesas (do conde da Ericeira) e dos Ilustrados. Depois disso ainda foram preciso mais vinte anos para deixarem o estado de manuscritos e circularem impressos...

(11) «O juízo dos Homens e a Formosura das Mulheres, defendidos e exaltados em hum Problema que dedica aos senhores Leitores Papelistas seu author Jacome Tenorio Francofin de Assis Mestre em Artes», 1763.

(12) «Máximas de Virtude e formosura», de Teresa Margarida da Silva e Horta.

(13) Vitorino José da Costa, na sua «Pragmatica Sanção», papel editado clandestinamente em 1735, ao indicar normas de conduta escrevia: «No estado de casado. Levá-la a [à mulher] a lugares publicos não sendo fidalgo/Parvoice». Ora poucos anos depois já aparecem papéis falando de mulheres que persuadiram os maridos a deixá-las ir às touradas.

(14) «Primeira Carta Apologetica, em favor, e defesa das mulheres Escrita por Dona Gertrudes Margarida de Jesus, Ao Irmaõ Amador do Dezenango, Com a qual se destroe toda a fabrica do seu Espelho Critico», 1761; saiu também uma «Segundã Carta».

(15) «Critica da Critica que fez imprimir certo curioso chamado Julio, na qual se diz com petulância mal de todas as mulheres e se lhe responde o seguinte Romance», 1763.

(16) «Resposta que daõ as Senhoras Mulheres á Carta em que se intimava A vaidade, opiniaõ, e amor proprio das Mesmas» e «Apologia a favor de Julio».

Até houve quem quisesse aproveitar, com fins publicitários, a emoção que os papéis da guerra da malícia das mulheres despertavam entre o público feminino, editando uns «Abusos das Senhoras Mulheres Corregidos, e emendados. Receita admiravel para conservaçaõ, e augmento da formosura, sem o perigo das ruinas, q̄ outras cauzaõ: Offerecidas A todas as Senhoras Portuguezas Pella Madama Damiana Cosme Oltoa Mulher de hum Farmaco Britanico.» Era afinal uma receita de beleza que levava entre outros ingredientes, uma quarta de sabão de pedra e meio quartilho de «agoa ardente da melhor. O começo do texto é um testemunho do modo como as mulheres recebiam os papéis de «ataque: «Sossegai, Senhoras; surpredei os furores contra mim... Não vos alvoroze o pregaõ do Cego, nem o título deste Papel...». Estes «Abusos nunca chegaram a circular. Foram apresentados á Real Mesa Censória em 1772 e escusados (A.N.T.T., n.º 2370, R.M.C.) Após a extinção da Mesa (1777) houve ainda uma nova polémica da «malícia das mulheres», desencadeada pelos «Conselhos que da hum brasileiro veterano a todos os seus patricios que chegaram a esta Corte...», 1778.

(17) Para umas o «Metodo pratico com que as senhoras mulheres assistem nos Templos, principalmete

no tempo dos sermões o qual jocosamente se expoem para correcção de tão estranhos abusos etc por Joaõ Teodoro de Neras», (1760), para outras a «Carta que Dona Satira escreveu a Dona Sabina: Dada ao público por Lambaõ Canelas Piparote», (1767), em que se criticavam os Fidalgos modernos e as briosas senhoritas que lhes chamavam *disvellos* nas assembleias, recendo em troca o tratamento de *madrinhas, coraçõens, mimos, firmezas, gostos, agra-dos, e vidas*.

(18) «Conselho de um Pay a hum filho que pretendia casar».

Alguns outros «Conselhos»:

«Vida da mulher prudente, para se poder conservar em paz entre os casados e viverem conformes em boa sociedade, composta por Bernardo Pimentel Castelo Branco», 1750; «Casamento perfeito e Relaçãõ curiosa para o bom acerto do Estado do Matrimónio», 1763; «Relaçãõ dos Remedios uteis, e proveitosos Para os que forem mal cazados, E quizerem aproveitar-se dos conselhos...», 1764; «Carta de parabens que hum amigo manda a outro do seu novo estado, e alguns conselhos para a boa sociedade tanto para o presente como para o futuro, muito uteis e proveitosos», 1769; «Carta que mandou huma tia a sua sobrinha... e alguns conselhos que lhe da para a boa sociedade», 1769; «Conselho sobre o Matrimonio e advertencias precisas para as pessoas casadas ou que o pretendem ser, Modo de preparar para o matrimonio e passar o dia das nupcias», 1774.

(19) O facto permite também concluir que já haveria um razoável público leitor feminino. É o que parece indicar a menção *Dedicado aos curiosos de todos os sexos*, que aparece nesta altura como remate dos títulos de alguns papéis.

(20) João Fernandes, personagem de uma peça escrita por Manuel de Figueiredo em 1756, regressando de França, espantava-se com o que via em Lisboa: «Que *galimatias* he este de Madama D. Maria Feauxbours, Madama Gutierres, etc. no meu tempo dizia-se a casa de Fulano António, Francisco, ou João; senão havia homens, a casa de D. Antonia tal, Maria tal, etc. Agora todas são Madamas com Dom, nome, e sobre-nome; outras com sobre-nome sómente; outras sem nenhuma cousa, as Senhoras?»

E recusa-se a pôr o joelho em terra para as cumprir: «Valha-me Deos, donde vem esta autoridade, esta attenção, que se lhes deve, este respeito? Eu entendo que não vem mais que da sua infeliz condição; não presumo que he outra cousa mais que huma idéa, que a politica inventou para cohonestar a injustiça, com que as privou o systema do governo do mundo daquellas prerogativas que tem os homens...» (Theatro de Manuel de Figueiredo, 1810; tomo XIII, p. 279 e p. 281).

(21) A.N.T.T., R.M.C. n.º 2403.

(22) A.N.T.T., R.M.C. n.º 17 e n.º 33, 1772.